

# RESSALVA

Atendendo solicitação do(a)  
autor(a), o texto completo  
desta tese será  
disponibilizado somente  
a partir de 16/05/2020.

**UNIVERSITÉ SORBONNE PARIS CITÉ  
UNIVERSITÉ SORBONNE NOUVELLE – PARIS 3**

ED 122 – EUROPE LATINE – AMERIQUE LATINE  
CREPAL – Centre de recherches sur les pays lusophones

Thèse de doctorat en Études du monde lusophone

Ariston MORAES RODRIGUES

**LE ROMANTISME REVISITÉ :  
*MACHADO DE ASSIS, PREMIERS ROMANS***

Thèse co-dirigée par  
Madame le professeur Claudia PONCIONI  
et  
Madame le professeur Lúcia GRANJA

Soutenue le 16 mai 2018

**Jury :**

Madame Sílvia Maria AZEVEDO, professeur des universités,  
Université Estadual Paulista – UNESP Campus de Assis

Madame Lúcia GRANJA, professeur des universités,  
Université Estadual Paulista – UNESP Campus de São José do Rio Preto

Madame Marta KAWANO, professeur des universités,  
Université de São Paulo – USP

Madame Jacqueline PENJON, professeur émérite,  
Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3

Madame Claudia PONCIONI, professeur émérite,  
Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3

Monsieur Pablo SIMPSON KILZER AMORIM, professeur des universités,  
Université Estadual Paulista – UNESP Campus de São José do Rio Preto



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
Câmpus de São José do Rio Preto

Árison Moraes Rodrigues

**O romantismo revisitado:**  
Machado de Assis, primeiros romances

São José do Rio Preto  
2018

Árison Moraes Rodrigues

**O romantismo revisitado:**

Machado de Assis, primeiros romances

Tese apresentada para a obtenção do título de Doutor em Letras, área de concentração em Literaturas em Língua Portuguesa junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de São José do Rio Preto, em cotutela com a Universidade Sorbonne Nouvelle - Paris 3 (França).

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Claudia Poncioni  
(Paris 3)

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lúcia Granja (Unesp)

São José do Rio Preto  
2018

Rodrigues, Áriston Moraes.

O romantismo revisitado : Machado de Assis, primeiros romances /  
Áriston Moraes Rodrigues. -- São José do Rio Preto ; Paris, 2018  
282 f. : il.

Orientador: Cláudia Poncioni

Orientador: Lúcia Granja

Tese (doutorado com dupla titulação) – Universidade Estadual Paulista  
“Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas e  
Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3

1. Literatura brasileira - Séc. XIX - História e crítica. 2. Ficção brasileira -  
Séc. XIX - História e crítica. 3. Romantismo. 4. Assis, Machado de, 1839-1908 -  
Crítica e interpretação. 5. Nacionalismo e literatura. 6. Paródia. 7. Ironia na  
literatura. I. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de  
Biociências, Letras e Ciências Exatas. II. Universidade Sorbonne Nouvelle - Paris  
3. III. Título.

CDU – B869-31.09"18"

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE  
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

Árison Moraes Rodrigues

**O romantismo revisitado:**

Machado de Assis, primeiros romances

Tese apresentada para a obtenção do título de Doutor em Letras, área de concentração em Literaturas em Língua Portuguesa junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de São José do Rio Preto, em cotutela com a Universidade Sorbonne Nouvelle - Paris 3 (França).

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Claudia Poncioni  
(Paris 3)

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lúcia Granja (Unesp)

Comissão Examinadora

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Claudia Poncioni  
Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3  
Orientadora

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lúcia Granja  
Universidade Estadual Paulista – Unesp Campus de São José do Rio Preto  
Orientadora

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Jacqueline Penjon  
Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3

Prof. Dr. Pablo Simpson Kilzer Amorim  
Universidade Estadual Paulista – Unesp Campus de São José do Rio Preto

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Marta Kawano  
Universidade de São Paulo – USP

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sílvia Maria Azevedo  
Universidade Estadual Paulista – Unesp Campus de Assis

São José do Rio Preto  
16 de maio de 2018

## RÉSUMÉ

Cet ouvrage est basé sur l'analyse des quatre premiers romans de l'écrivain brésilien Machado de Assis (1839-1908) – *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) et *Iaiá Garcia* (1878) – avec l'intention de comprendre la relation de ces livres avec le mouvement romantique brésilien. Bien qu'ils aient été écrits à une époque où le romantisme au Brésil touchait à sa fin, ces livres ont été considérés par les critiques du début du XX<sup>e</sup> siècle comme étant des romans romantiques étant donné la récurrence d'éléments narratifs qui ont structuré ce mouvement lequel a vu le jour au Brésil en 1836. Pourtant, bien que la présence de tels éléments dans l'œuvre de la jeunesse de Machado de Assis puisse être constatée, ils n'obéissent pas à la démarche technique de ce mouvement littéraire. Il est donc nécessaire de discuter dans quelle mesure et sous quelle forme ces éléments sont présents dans les premiers romans de l'écrivain. Pour cela, la discussion sur le processus de création du mouvement romantique brésilien, directement lié à l'affirmation d'une identité nationale propre à l'Empire brésilien (1822-1889), représente un thème clé pour comprendre l'importance de la couleur locale, et plus particulièrement du paysage brésilien, dans le noyau esthétique du mouvement romantique dans ce pays. À partir des grandes lignes de ces éléments structurants du romantisme brésilien, l'analyse des premiers romans de Machado de Assis met au jour une révision critique de la tradition romantique par l'auteur, dans son projet de développer une littérature originale, créative, indépendante et universelle.

**Mots clés :** Machado de Assis. Romantisme. Roman. Nationalisme. Paysage. Couleur locale. Roman sentimental. Parodie. Ironie. Littérature brésilienne.

## RESUMO

Este trabalho analisa os quatro primeiros romances do escritor brasileiro Machado de Assis (1839-1908) – *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878) – com a intenção de compreender a relação destes livros com o movimento romântico brasileiro. Apesar de terem sido escritos na época em que o romantismo no Brasil chegava ao seu fim, esses livros foram classificados pela crítica do início do século XX como obras românticas dada a recorrência de elementos narrativos aparentados a este movimento que, no Brasil, teve início em 1836. No entanto, ainda que se possa observar a presença de tais elementos nas obras de juventude de Machado de Assis, eles não obedecem ao proceder técnico desse movimento literário. Então, cumpre-se discutir em que medida e de que maneira esses elementos estão presentes nos romances iniciais do escritor. Para tanto, a discussão sobre o processo de criação do movimento romântico brasileiro, diretamente associado à afirmação da identidade nacional e do Império brasileiro (1822-1889), consiste em uma questão relevante a fim de se compreender a importância da cor local, e mais especificamente da paisagem brasileira, no cerne estético do romantismo nacional. A partir do delineamento desse elemento estrutural do romantismo no Brasil, a análise dos primeiros romances de Machado de Assis permite constatar de fato o seu intuito de revisitar de forma crítica a tradição romântica no intento de desenvolver uma literatura original, criativa, independente e universal.

**Palavras-chave:** Machado de Assis. Romantismo. Romance. Nacionalismo. Paisagem. Cor local. Romance sentimental. Paródia. Ironia. Literatura brasileira.

## ABSTRACT

This work analyzes the first four novels of the Brazilian writer Machado de Assis (1839-1908) – *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876), and *Iaiá Garcia* (1878) – aiming to understand the link between these books and the Brazilian romantic movement. Although the novels were written at a time when Romanticism in Brazil was coming to an end, they were classified by critics of the early 20th century as romantic works because they contained recurrent narrative elements based on that movement which began in Brazil in 1836. Nevertheless, although such elements can be observed in the early work of Machado de Assis, they do not meet the technical procedure of the overall romanticist literary movement. It is thus necessary to discuss the extent to which these elements are deployed in the writer's initial novels. In order to do that, this work analyzes the process of creation of the Brazilian romantic movement, which is directly associated with the Empire of Brazil (1822-1889). This is important to understand the role of the local color, and more specifically of the Brazilian landscape, in the aesthetic basis of the Brazilian romanticism. From the outline of this basic structure of Brazilian romanticism, the analysis of the early novels of Machado de Assis shows that the author critically reviewed the romantic tradition to develop an original, creative, independent and universal literature.

**Keywords:** Machado de Assis. Romanticism. Novel. Nationalism. Landscape. Local color. Sentimental novel. Parody. Irony. Brazilian literature.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira. **O novo mundo:** periódico ilustrado do progresso da idade, 24 mar. 1873, p. 107, Literatura. .... 117
- Figura 2 – ASSIS, Machado de. Literatura portuguesa. **O novo mundo:** periódico ilustrado do progresso da idade, 24 mar. 1873, p. 107, Literatura. .... 118
- Figura 3 – ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira. **O novo mundo:** periódico ilustrado do progresso da idade, 24 abr. 1879, p. 90. .... 119
- Figura 4 – ASSIS, Machado de. Literatura brasileira. **A reforma**, 5 set. 1873, p. 2, Variedades. .... 120
- Figura 5 – ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira. **A semana**, 17 set. 1887, p. 298, Páginas esquecidas. .... 121
- Figura 6 - TAUNAY, Nicolas-Antoine. Cascatinha da Tijuca. (1816~1821). Pintura, óleo sobre tela, 54 cm x 37cm ..... 175
- Figura 7 – PORTO-ALEGRE, Manuel de Araújo. Grande Cascata da Tijuca. 1833. Pintura, óleo sobre tela, 65cm x 812cm ..... 177

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 CONSTRUÇÕES SIMBÓLICAS: NAÇÃO E LITERATURA NO BRASIL .....	23
1.1 Formalização de uma emancipação condicionada.....	23
1.2 A gestão da cultura oficial brasileira .....	31
1.3 A gestação da cultura nacional por natureza .....	48
1.4 O espelho francês na construção do olhar brasileiro sobre si.....	57
1.5 Ferdinand Denis e a paleta da cor local brasileira .....	68
1.6 <i>À la brésilienne</i> .....	83
1.7 Romantismo e narrativas brasileiras.....	95
1.8 “Notícia da atual literatura brasileira”: crítica e revisão romântica.....	107
2 A NATUREZA DESROMANTIZADA DOS PRIMEIROS ROMANCES DE MACHADO DE ASSIS .....	142
2.1 Prefácios: a advertência do não fazer romântico. ....	142
2.2 <i>Ressurreição</i> .....	166
2.3 <i>A mão e a luva</i> .....	196
2.4 <i>Helena</i> .....	213
2.5 <i>Iaiá Garcia</i> .....	234
CONCLUSÃO.....	253
REFERÊNCIAS .....	258
ANEXOS .....	271

## INTRODUÇÃO

Nascido no morro do Livramento no Rio Janeiro, Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) faria um longo e controverso percurso literário – tendo atuado como contista, crítico literário, cronista, dramaturgo, romancista e poeta – até ser consagrado pela historiografia literária como um dos maiores escritores brasileiros. Mestiço (filho de pai negro e mãe branca) e pobre, a história pessoal do autor autodidata, com poucos fatos e muitos depoimentos contraditórios, possibilitou a criação de lendas e mitos que foram insuflados durante quase todo o século XX, chegando mesmo a servir de fonte para a interpretação dos seus primeiros romances. Por um lado, isso decorreu da associação entre a obra do autor e a “história” de sua vida recolhida, *grosso modo*, a partir de relatos e anedotas de pessoas próximas do autor como dá testemunho Lúcia Miguel Pereira (1901-1959) em *Machado de Assis, estudo crítico e biográfico* (1936).<sup>1</sup> “Afirma-o Pujol, cujas informações são dignas de fé, pois vinham de Ramos Paz, íntimo de Machado de Assis”.<sup>2</sup> O relato em terceiro grau alimentava parte da crítica machadiana que buscava uma explicação para os desvios do autor com relação ao cânone literário do século XIX, interpretando-se a obra a partir do que teria sido a vida romanesca do autor. Por outro lado,

As interpretações da vida e da obra do escritor produzidas nesse período – e a disputa entre elas – estão fortemente articuladas com o contexto político-cultural do Estado Novo,<sup>3</sup> que se empenhou em construir uma mitologia nacional em torno do homem do povo, de origem humilde, mestiço, imagem a qual Machado de Assis foi de certa maneira conformado por parte da crítica e dos estudos de inspiração biográfica realizados à época. Não se quer dizer com isso que os críticos atuantes no período estivessem perfeitamente alinhados com a política cultural do Estado Novo; entretanto, é preciso ter claro que esse momento extraordinário da crítica sobre a obra de Machado de Assis e da constituição de sua imagem de escritor oficial foi em grande parte fomentado pelo Estado brasileiro, com significativas contribuições dos críticos.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis: estudo crítico e biográfico**. 6. ed. Editora Itatiaia; Edusp: Belo Horizonte; São Paulo, 1998.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 29.

<sup>3</sup> O Estado Novo (1937-1945) foi um regime autoritário-populista sob o comando de Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954). Seu governo opunha-se à primeira república brasileira à qual ele nomeava de “Velha República” por se tratar de uma estrutura política dirigida por oligarquias. Seu governo estabeleceu uma nova constituição para o Brasil, que permitiria a pena de morte; criou órgãos de censura; uma polícia secreta; decretou o fim do pluripartidarismo; a implementação das leis trabalhistas brasileiras; e a criação das grandes indústrias nacionais com o financiamento dos Estados Unidos da América. No campo da educação, Vargas implementou o ensino primário obrigatório e gratuito, bem como, desenvolveu material didático que exaltava e promovia a sua figura como um “herói nacional”. Seu governo tinha inspiração no regime fascista.

<sup>4</sup> GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Machado de Assis, o escritor que nos lê: as figuras machadianas através da crítica e das polémicas**. São Paulo: Editora Unesp, 2017. p. 112.

Em 1971, com o lançamento de *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*,<sup>5</sup> livro baseado em fontes documentais, Jean-Michel Massa (1930-2012) travaria um embate sistemático contra os excessos e devaneios biográficos sobre Machado de Assis. Seu levantamento histórico-biográfico, desmistificando a vida e esclarecendo o percurso social de Machado de Assis, apontaria para a fragilidade das interpretações biográficas da obra do escritor.

Porém, a imprecisão das referências biográficas de Machado como suporte à leitura de seus romances da juventude solidificara-se no século XX. Criou-se um elo entre o que seria a vida melodramática do autor àquelas das suas personagens na tentativa de explicar as suas narrativas de composição peculiar. Mesmo havendo um descompasso desses romances com os conceitos narrativos da época de suas composições, eles foram apenas classificados como obras românticas, ou ainda, como romances menores, quando comparados às narrativas machadianas posteriores a 1880. Na verdade, esse ponto de vista, ainda remonta ao argumento de José Veríssimo (1857-1916), que em artigo de 1898 à ocasião da reedição do romance *Iaiá Garcia* de 1878 declara-o como romance pertencente “à primeira maneira do autor”,<sup>6</sup> “um romance romanesco”<sup>7</sup>, “talvez o mais emotivo”<sup>8</sup> de Machado de Assis. No entanto, Veríssimo não pretendia fazer emergir essas obras como romances estanques, presas a uma estética particular, porque suas protagonistas expressavam psicologia complexa que poderia ter sido “apanhad[a] de oitiva no consultório de um médico”<sup>9</sup>; e como Machado de Assis não pretendia ser um autor realista-naturalista, “no sentido escolástico dessas qualificações”,<sup>10</sup> faltava-lhe “estudar minuciosamente”<sup>11</sup> esses romances.

Já no início do século XX, em capítulo dedicado a Machado de Assis na sua *História da literatura brasileira* (1906)<sup>12</sup> – um dos primeiros livros brasileiros consagrado ao estudo da literatura nacional sob uma abordagem histórica –, José Veríssimo voltaria a reforçar a sua

---

<sup>5</sup> MASSA, Jean-Michel. **A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio e biografia intelectual**. Tradução Marco Aurélio de Moura Matos. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2008. (O livro de Jean-Michel Massa é resultado da sua tese para doutoramento defendida em 1969 na Faculdade de Letras e Ciências Humanas da Universidade de Poitiers na França.)

<sup>6</sup> VERÍSSIMO, José. Bibliographia. **Revista Brasileira: jornal de ciencias, letras e artes**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, t. XVI, p. 249, Out./Dez. 1898. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/139955/13004>>. Acesso em: 25 maio 2012.

<sup>7</sup> Ibid., p. 250.

<sup>8</sup> Ibid., p. 250.

<sup>9</sup> Ibid., p. 251.

<sup>10</sup> Ibid., p. 251.

<sup>11</sup> Ibid., p. 251.

<sup>12</sup> Id. **História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)**. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969.

teoria de haver “visíveis ressaibos de romantismo”<sup>13</sup> nos primeiros romances de Machado de Assis. Descrevendo o que chamaria de “evolução”<sup>14</sup> da literatura nacional e imiscuído do próprio pendor à ideologia evolucionista em voga no final do século XIX, Veríssimo abriu a brecha para que fossem creditados predicados românticos aos primeiros romances de Machado de Assis. Focalizando nessa sugestão interpretativa, a crítica machadiana desconsiderou a própria averiguação crítica de Veríssimo para quem tais predicados românticos na obra inicial de Machado eram matizados pela ironia e pessimismo autorais.

O entendimento dessa “primeira maneira” de Machado de Assis, em contrapartida aos romances que a ela se sucederam, tomaria corpo e forma próprios ao longo do século XX. Na esteira crítica evolucionista de José Veríssimo, originar-se-ia a determinação da existência de uma primeira e segunda fases que se alinhariam, respectivamente, a “fase romântica” e a “fase realista” do escritor. Esta interpretação por etapas, restritiva ao se levar em conta seu limite técnico-teórico ao conceber uma produção cognitiva e intelectual como um processo ascendente e linear, ainda ressoa na crítica moderna que tenta estudar ou compreender a obra de Machado de Assis. Partindo da sugestão de Veríssimo de supor que haveria na obra machadiana uma partição clara e distinta, a “fase romântica” impregnaria a leitura desses romances como confirmava a crítica machadiana que despontava no universo literário. A exemplo disso, Alfredo Pujol (1865-1930), em conferência de 1915, afirmava que Machado de Assis, nesses romances, estava “ainda cativo nas malhas do romantismo”.<sup>15</sup> Lúcia Miguel Pereira (1901-1959), em *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico* (1936), retirou *Iaiá Garcia* do rol dos livros sentimentais, mas não poupava o “romantismo” de *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874) e *Helena* (1876). Segundo a autora, “Em prosa, não fez [Machado de Assis], de início, o que fizera em poesia: não rejeitou deliberadamente as escolas literárias. Ao contrário, procurou enquadrar-se dentro do romantismo. E com isso conseguiu fazer três livros quase inteiramente maus.”<sup>16</sup> Ainda mais taxativo, Augusto Meyer (1902-1970), em *De Machadinho a Brás Cubas* (1958),<sup>17</sup> retomou em citação o ponto de vista

---

<sup>13</sup> VERÍSSIMO, 1969, 286.

<sup>14</sup> *Ibid.*, passim.

<sup>15</sup> PUJOL, Alfredo. **Machado de Assis**: curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo. 2. ed. Imprensa Oficial; Academia Brasileira de Letras: São Paulo; Rio de Janeiro, 2007. p. 79.

<sup>16</sup> PEREIRA, 1998. p. 133.

<sup>17</sup> MEYER, Augusto. De Machadinho a Brás Cubas. **Teresa**: revista de literatura brasileira, São Paulo, Editora 34; Imprensa Oficial, n. 6/7, 2006

de Lúcia Miguel Pereira, concluindo sua abordagem dos primeiros romances machadianos como uma “produção medíocre”.<sup>18</sup>

Parte dessa crítica contrária à produção narrativa de Machado de Assis na década de 1870 decorre da sensível diferença da estrutura desses romances com os quatro posteriores, escritos a partir de 1880. Existe claramente uma evidente diferença de composição narrativa entre *Iaiá Garcia*, considerado o último romance da “primeira fase” do autor, e *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1880),<sup>19</sup> primeiro romance da “segunda fase” e um dos mais aclamados pela crítica. Cientes dessa diferença estrutural e criativa, Alfredo Bosi e Roberto Schwarz, debruçaram-se sobre a obra do jovem Machado a fim de entendê-la sob a óptica do processo criativo do autor. Assim, Roberto Schwarz, em *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro* (1977),<sup>20</sup> faz uma leitura sociológica dos romances de Machado de Assis e busca identificar neles problemas sociais discutidos pelo escritor, visão duramente criticada por Alfredo Bosi, para quem a finitude da leitura sociológica por si diminuiria a importância da hermenêutica do texto literário enquanto criação universal. De acordo com a teoria formulada por Alfredo Bosi, em *Machado de Assis: o enigma do olhar* (1999),<sup>21</sup> em seus primeiros romances, Machado de Assis estaria focado em representar as facetas e oscilações da moral humana. Entretanto, revalidando a interpretação de Lúcia Miguel Pereira, Bosi afirma “[...] já não se pode ignorar o vinco ‘machadiano’ das obras ditas românticas ou da primeira fase [...]”<sup>22</sup> na qual os romances “[...] parecem fracos mesmo para o nível de consciência crítica do autor na época de redigi-los.”<sup>23</sup>

Apesar de ambos os críticos trazerem uma nova e fecunda interpretação para os primeiros romances de Machado de Assis, completando a lacuna de leituras interessadas em compreender a problemática de tais narrativas, tanto Alfredo Bosi como Roberto Schwarz não discutem a validade da perspectiva romântica que se perpetua desde a leitura de José Veríssimo. Como apontado anteriormente, até mesmo Alfredo Bosi encontra nos primeiros romances de Machado de Assis a pecha romântica, corroborando destarte, leituras datadas do início do século XX.

---

<sup>18</sup> MEYER, 2006, p. 410.

<sup>19</sup> *Memórias Póstumas de Brás Cubas* foi publicado em forma de folheto na *Revista Brasileira* entre março e dezembro de 1880, sendo publicado em livro 1881.

<sup>20</sup> SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 4. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1992.

<sup>21</sup> BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

<sup>22</sup> Id. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. Editora Cultrix: São Paulo, 1983. p. 197.

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 177.

Com um olhar mais perscrutador com relação ao desenvolvimento narrativo *per se*, Silviano Santiago, em “Jano, janeiro” (1969),<sup>24</sup> discorre sobre o uso do recurso da oposição entre personagens de *Ressurreição*. Seu artigo, dando o primeiro passo em direção à compreensão do significado dos elementos românticos desse romance, inseria uma nova interpretação do livro de estreia de Machado de Assis.

Para manter a unidade do conflito durante as duzentas páginas do seu romance, [Machado] recorre a um estratagema que faz de sua nova obra uma joia multifacetada, mas que a informa ao mesmo tempo e infelizmente de certa monotonia. O expediente é o do espelho e o recurso do paralelismo.<sup>25</sup>

A partir da identificação da oposição entre personagens, Silviano Santiago reconhece em *Ressurreição* a presença do recurso narrativo romântico como um dos elementos usados a fim de estabelecer a intriga narrativa. No entanto, para o crítico, o uso de tal recurso não retificaria a adesão de Machado de Assis ao romantismo, porque, apoiando-se na ambivalência e contrastes dos protagonistas, o romance estaria intencionalmente filiado ao “roman d’analyse”.<sup>26</sup> Apesar de não ter prosseguido com estudos precisos sobre os primeiros romances machadianos, a contribuição de Silviano Santiago soma-se aos esforços de pesquisas mais recentes que procuram refutar o estigma do romance romântico de Machado.

Em caso mais preciso com relação à suposta evolução de uma primeira para uma segunda fase na obra do escritor, Eduardo Melo França, em *Ruptura ou amadurecimento?: uma análise dos primeiros contos de Machado de Assis* (2008),<sup>27</sup> demonstra como é equivocado atribuir uma fase romântica a Machado de Assis. Ainda que abordando apenas os contos do escritor, França demonstra que as temáticas do pessimismo, da personagem artística em busca da perfeição, da identidade, da relatividade das coisas, da psicologia humana, da aceitação da fantasia como realidade etc., integram de maneira abrangente os contos anteriores e posteriores a 1880. Pela leitura aproximativa de Eduardo França, evidencia-se a continuidade do processo criativo de Machado de Assis ao longo de toda a sua carreira de escritor. Assim, o aprimoramento da técnica narrativa do escritor não implicaria na ruptura do estilo romântico e uma adesão ao realista, mas o amadurecimento do estilo e da técnica

---

<sup>24</sup> SANTIAGO, Silviano. Jano, janeiro. **Teresa**: revista de literatura brasileira, São Paulo, Editora 34; Imprensa Oficial, n. 6/7, 2006.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 437.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 431.

<sup>27</sup> FRANÇA, Eduardo Melo. **Ruptura ou amadurecimento?: uma análise dos primeiros contos de Machado de Assis**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2008. (O livro de Eduardo Melo França é resultado da sua dissertação de mestrado defendida em 2008 no Programa de Pós-graduação em Letras (Teoria Literária) da Universidade Federal de Pernambuco no Brasil.)

narrativa do autor. Fiel aos seus propósitos, os temas dos seus contos, não raramente os mesmos dos seus romances, reproduzem-se ao longo de sua obra, recapitulando questões sociais e humanas da sociedade oitocentista.

Com discussão correlata à tópica da psicologia humana, José Luiz Passos, em *Machado de Assis: o romance com pessoas* (2007),<sup>28</sup> também identifica a problemática do sujeito que modula o seu comportamento face à contingência social. Avançando “minuciosamente”, para usar uma expressão de Veríssimo, na interpretação desses romances, o autor compartilha o mesmo ponto de vista interpretativo de *Ruptura ou amadurecimento?*. No entanto, mais centrado na composição das personagens, Passos demonstra o adensamento e a importância da pessoa moral nos romances de Machado de Assis. Propondo uma reflexão sobre a constituição e desvios das personagens machadianas, ele intenta desvelar como o escritor compunha perfis de ficção que, por meio do escrutínio das suas motivações, tornavam-se o centro do enredo narrativo e, assim, criando um movimento de afastamento com relação ao romantismo. Chave da modernidade na literatura, a dimensão interior das personagens, complexas, ambíguas e que figuram uma “consciência em desunião consigo”,<sup>29</sup> seria a tônica das narrativas, desde *Ressurreição*, ao dimensionar o tom de realidade impregnado pela autonomia dos desejos e ação das personagens. Nas palavras de Passos, os protagonistas dos romances de Machado “são acometidos por uma falta original, por uma sensação de culpa, por um desejo espúrio que os distancia pouco a pouco dos personagens românticos.”<sup>30</sup>

No empenho dessa leitura a contrapelo da existência de uma suposta primeira fase na obra de Machado de Assis, Ronaldes de Melo e Souza, em *O romance tragicômico de Machado de Assis* (2006),<sup>31</sup> argumenta que as narrativas longas do escritor, desde o seu primeiro romance, são escritas sob um ponto de vista irônico. Similar à sátira menipeia,<sup>32</sup> ele impossibilita a visão evolucionista da obra machadiana em duas etapas precisas. Transitando do tom jocoso ao sério, o narrador desses romances cria a pluralidade de pontos de vista que, ironicamente, redimensionam o entendimento do enredo por um viés simplista. Atravessado pela diversidade de vozes, as narrativas de Machado centram-se, então, como já constatara José Luís Passos, sobre o drama moral das personagens divergindo do romance motivado pela

---

<sup>28</sup> PASSOS, José Luiz. **Machado de Assis: o romance com pessoas**. São Paulo: Edusp; Nankin, 2007.

<sup>29</sup> Ibid., p. 37.

<sup>30</sup> Ibid., p. 53.

<sup>31</sup> SOUZA, Ronaldes de Melo e. **O romance tragicômico de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

<sup>32</sup> Com estrutura similar ao romance, a sátira menipeia tinha como objetivo criticar não o comportamento de sujeitos específicos, mas as ideias que eles partilhavam. Sua criação é comumente atribuída ao escritor grego Menipo de Gadara (século III a.C.).

ação romanesca. Desta maneira, “De *Ressurreição* ao *Memorial de Aires*, a forma genuína do romance machadiano consiste em submeter a uma trama de ações logicamente concatenadas ao drama das paixões vivenciadas pelos personagens e ao escrutínio crítico das reflexões do narrador.”<sup>33</sup>

Por meio desse breve levantamento crítico, observa-se o esforço da crítica contemporânea para melhor compreender os primeiros romances de Machado de Assis, desvinculando-os da datada divisão evolucionista em duas estéticas precisas e opostas, mesmo que, para alguns críticos contemporâneos, ainda haja alguma verdade nesta classificação. Isto porque, com a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis causou uma grande reviravolta no cenário literário brasileiro, como também na sua própria literatura, ao romper deliberadamente com as formas narrativas em voga à época.

A manifesta surpresa dos dois [Capistrano de Abreu e Urbano Duarte] críticos que se debruçaram sobre *Brás Cubas*, ambos intrigados se era ou não romance o que tinham diante de si, permite cogitar que a acolhida fria se explique pelos embaraços da novidade que a obra criou para os seus primeiros leitores.<sup>34</sup>

Se para os críticos coetâneos de Machado de Assis *Memórias póstumas de Brás Cubas* representava uma incógnita, uma esfinge textual, na atualidade, este romance ganharia *status* de obra prima justamente por meio dessa característica que lhe era estranha no passado. Considerado como magistral pela crítica do século XX, em coro unânime, esse romance representaria um avanço singular na composição narrativa dada a sua incomum e revolucionária estrutura. Com isso, os romances escritos por Machado na década precedente a *Brás Cubas* encontraram-se, por muito tempo, marginalizados.

Na atualidade, o movimento de releitura dos livros redigidos na juventude do escritor, por meio de estudos meticolosos da estrutura narrativa, busca frear a disseminação e o reflexo do que supostamente seriam as duas fases da obra machadiana. Mais ainda, intentam demonstrar a coerência intelectual e criativa do escritor desde seu romance de estreia. Neste caso, a própria concepção estética e crítica redigida por Machado de Assis na década de 1870, a mesma da produção dos seus romances da “primeira fase”, respalda essa crítica contemporânea avessa à lógica binária pretendida na concepção de fases. Em “Notícia da

---

<sup>33</sup> SOUZA, 2006, p. 173.

<sup>34</sup> GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19.** São Paulo: Nankin Editorial: Edusp, 2004. p. 192.

atual literatura brasileira”<sup>35</sup> (1873), Machado assume uma perspectiva crítica com relação à aceitação pura e simples do recurso estético romântico e/ou realista como uma doutrina.

Cada tempo tem o seu estilo. Mas estudar-lhes as formas mais apuradas da linguagem, desentranhar deles mil riquezas, que, à força de velhas se fazem novas, — não me parece que se deva desprezar. Nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos; com os haveres de uns e outros é que se enriquece o pecúlio comum.<sup>36</sup>

Partindo da visão do autor sobre o desenvolvimento de uma literatura contrária a imposições estéticas, o argumento crítico de que os primeiros quatro romances de Machado de Assis integram o círculo literário romântico torna-se algo que passa a merecer verificação mais detida. Se como indica a citação, Machado de Assis despontava para uma produção literária incomum para a época, não seria coerente atribuir-lhe um molde estético que já na década de 1870 estava em declínio. Logo, antes de atribuir denominações estéticas, é preciso reestabelecer o percurso da estética romântica no Brasil com a finalidade de explicitar suas peculiaridades com relação ao romantismo europeu e, então, compará-la aos primeiros romances de Machado de Assis. Isto porque, apesar de sofrer forte influência do movimento romântico europeu, sobretudo francês, o movimento romântico brasileiro possuía uma configuração peculiar.

Iniciado concomitantemente à consolidação da independência do território brasileiro do Reino de Portugal, a solidificação de sua base assentou-se sobre o postulado da ratificação do território nacional. Em um país com vastos problemas sociais e um público leitor reduzido à elite letrada, o primeiro movimento romântico brasileiro era dependente do mecenato imperial. Por isso, a exaltação da cor local brasileira, em enredos movidos pela lógica da ação e nos quais o sentimento afetivo e a moralização dos leitores estariam dispostos em conjunto, seria a tônica dessas narrativas.

---

<sup>35</sup> ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira. **O novo mundo**: periodico illustrado do progresso da idade. Nova Iorque, v. 3, n. 30, 24 mar. 1873, Literatura, p. 107-108. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/122815/509>>. Acesso em: 27 set. 2015.

<sup>36</sup> Ibid., p. 108.

No artigo “Romero, Araripe, Veríssimo e a recepção crítica do romance machadiano” (2004),<sup>37</sup> Hélio de Seixas Guimarães observa a preponderância e a permanência desses elementos na interpretação crítica do final do século XIX.

O critério nacionalista, diga-se de passagem, não era só de Romero, mas parâmetro dominante entre a crítica praticada no Brasil até a década de 1880, incluído-se [*sic*] aí a produção do próprio crítico paraense [José Veríssimo], que só ao longo dos anos de 1890 se distanciou dos modelos positivistas e naturalistas, deslocando a ênfase para aspectos psicológicos e estéticos. Ainda assim, os critérios nacionalistas estão ativos quando Veríssimo considera *Quincas Borba* [1886] um romance completo, por ser *romance de caráter e de costumes*, e um progresso da literatura nacional, por trazer uma porção de tipos e situações *eminentemente nossas*.<sup>38</sup>

Nota-se que, para a crítica oitocentista, Machado de Assis não figurava como um escritor que se enquadrava na perspectiva da produção literária concebida como nacional. A cor local do romance romântico, repleto de situações tipicamente brasileiras e, mais importante, da reprodução e veneração da paisagem local era, na verdade, uma falta grave da narrativa machadiana. Seria a partir da revisão de concepção crítica de Veríssimo, no entremear dos séculos XIX e XX, que a crítica literária começaria a conceber esses romances como obras românticas. Portanto, se as leituras dos romances da juventude de Machado apontam para referências a tal movimento, ou como diria José Veríssimo, haveria neles “visíveis ressaibos de romantismo”<sup>39</sup>, estas apenas ficam como alusões esparsas, sem a delimitação da sua relação com o legado romântico brasileiro.

Em um dos raros artigos sobre o tema, escrito ainda na primeira metade do século XX, “Machado de Assis, paisagista” (1940),<sup>40</sup> o sociólogo francês Roger Bastide interessou-se pela questão da paisagem na obra de Machado de Assis. Debruçando-se brevemente sobre um tema crucial para o romantismo brasileiro, Bastide demonstra como esse tópico não havia sido renegado por Machado de Assis. Contrariando o senso comum da crítica do século XIX, o crítico francês aponta que a paisagem é um elemento constitutivo dos romances machadianos. Nestes, porém, haveria uma presença ponderada, uma presença de quase ausência da natureza,

---

<sup>37</sup> GUIMARÃES, Hélio de Seixas. Romero, Araripe, Veríssimo e a recepção crítica do romance machadiano. *Estudos Avançados*. São Paulo, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, v. 18, n. 51, p. 269-298, maio/ago, grifo do autor. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000200019#tx17](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000200019#tx17)>. Acesso em: 14 mar. 2018.

<sup>38</sup> *Ibid.*, p. 279.

<sup>39</sup> VERISSIMO, 1969, p. 286.

<sup>40</sup> BASTIDE, Roger. Machado de Assis, paisagista. *Revista do Brasil*, São Paulo, [s.n.], ano III, n. 29, 3ª fase, p. 1-14, nov. 1940. Disponível em: <<http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26340?show=full>>. Acesso em: 5 out. 2015.

que se oporia às avassaladoras e descomunais descrições criadas pelo romantismo brasileiro. Com efeito, “As descrições podem, naturalmente, existir, mas desde que se reduzam a uma extensão proporcional à extensão da narrativa em que se enquadram. É o que fazia La Fontaine em suas fábulas: dois, três versos lhe bastavam para sugerir um quadro [...]”.<sup>41</sup> Como no caso de Machado, ela era diminuta, mais pungente, e composta de maneira a revelar o essencial da narrativa. Sem ocupar o papel principal da narração, a natureza fazia parte da estrutura romanesca do escritor como elemento acessório.

O uso dessa paisagem reduzida por Machado de Assis refletia o peculiar ponto de vista do autor. À frente do seu tempo, ele concebia a paisagem como uma “estrutura investida de significados ligados à existência e à consciência do sujeito que percebe a paisagem.”<sup>42</sup> A paisagem elaborada por Machado não constitui, assim, a réplica de aspectos meramente geográficos com vistas a saldar a cor local brasileira. Sua fuga às normas e às convenções técnicas idealizados pela tradição romântica, norteia-se por uma técnica literária intrincada. Ela envolve uma relação dinâmica entre o sujeito e o mundo, criando um canal denotativo da psicologia da personagem, ou da sua pessoa moral. Logo, nos seus romances, essa relação simbólica, revisando o legado romântico, direciona o entendimento do enredo não pelo aspecto geográfico, da beleza plástica, mas pela revelação dos conflitos sociais que adensam a significação da narrativa. Era por meio dessa faceta da paisagem literária que Machado intentava alcançar o refinamento da literatura brasileira e pela qual pode-se compreender a sugestão comparativa de Jean de La Fontaine (1621-1695), feita por Bastide, com obra de Machado de Assis pelo viés de uma amplitude universal. Infere-se, pois, que contrariamente à literatura proclamada nacional pela crítica romântica, com sua massiva presença dos aspectos geográficos, a proposta de Machado de Assis cumpria claramente sua função literária: de ser criativa e universal, sem negar aspectos e elementos de sua origem.

Portanto, os seus quatro primeiros romances não negam a tradição romântica que chegava ao fim em meados de 1870, época de publicação de *Ressurreição* (1870). Pelo contrário, como indica Veríssimo, há nesses romances elementos da estética romântica. Seus enredos ainda abordam as relações sentimentais, discorrem sobre personagens femininas envoltas com questões afetivas e matrimoniais, trazem na sua gênese as técnicas narrativas

---

<sup>41</sup> BASTIDE, 1940, p. 2.

<sup>42</sup> COLLOT, Michel. Points de vue sur la perception des paysages. *Espace Géographique*. Paris, t. 15, n. 3, p. 211, 1986, tradução nossa do original: “[...] structure s’investit de significations liées à l’existence et à l’inconscient du sujet qui perçoit le paysage.”. Disponível em: <[http://www.persee.fr/doc/AsPDF/spgeo\\_0046-2497\\_1986\\_num\\_15\\_3\\_4144.pdf](http://www.persee.fr/doc/AsPDF/spgeo_0046-2497_1986_num_15_3_4144.pdf)>. Acesso em: 17 mar. 2018.

que pretendem apreender a atenção do leitor e, mais importante, abordam a perspectiva da paisagem local. Entretanto, esses pressupostos românticos não resumem o processo criativo do autor e não poderiam ser suficientes para classificar os primeiros romances machadianos como obras menores, ou ainda como fruto de um romantismo em decadência. A visível presença desses elementos diz respeito ao procedimento criativo do autor. Com intenção de rever a tradição literária brasileira, Machado de Assis reproduz certos aspectos do padrão estético literário que o antecedia com a finalidade de apontar seus limites. Por meio dessa revisão da estética romântica brasileira, o escritor introduzia temáticas ignoradas pelo movimento local como, por exemplo, questões sociais do seu tempo. A discussão desses aspectos permitia-lhe o aprofundamento dos desejos e dos conflitos do homem em uma sociedade atravessada pelos contrastes e contradições sociais. Com efeito, a exaltada paisagem brasileira ganharia uma nova dimensão na obra do autor. Descartado o seu apelo plástico-nacionalista e reduzida à condição de acessório narrativo, ela iria incidir no apoio e na reflexão do caráter e das ações das personagens. No que tange à representação nacionalista do romantismo brasileiro – exaltado sobretudo pela cor local – John Gledson, em “1872: ‘A parasita azul’ – ficção, nacionalismo e paródia”,<sup>43</sup> afirma que:

O conto trata da identidade nacional, mas evita uma expressão simples do problema, e está firmemente fundado na sátira e numa estrutura de enredo que evita qualquer alinhamento com a Europa ou o Brasil. Em vez disso, a dialética entre os dois encontra sua forma no enredo e é moldada em termos que são mais ricos, mais estruturados e mais ambíguos que em “Instinto de nacionalidade”, embora o conto possa ser insatisfatório em certos sentidos. Com efeito, seria possível dizer que, assim como os três romances examinados em *Ao vencedor as batatas* são elaborações do problema social da dependência, e assim, em grande medida, ignoram a dimensão “nacional”, esse conto trabalha o problema e procura encontrar uma forma ficcional que o transmita.<sup>44</sup>

Na esteira dessa interpretação, argumenta-se como Machado de Assis, fazendo uma releitura da tradição, por meio de recursos como ironia e paródia, lida com a questão da paisagem, tentando formar um novo conceito literário. Afinal, a constatação de que a paisagem local é um elemento constitutivo na obra do escritor remete novamente à discussão do propalado romantismo dos seus primeiros romances. Portanto, a problematização dessa percepção crítica, estabelecendo uma aproximação entre os quatro primeiros romances de Machado de Assis e o postulado estético do romantismo brasileiro, pode revelar-se um

---

<sup>43</sup> GLEDSON, John. 1872: “A parasita azul” – Ficção, nacionalismo e paródia. **Cadernos de literatura brasileira**. São Paulo, Instituto Moreira Salles, n. 23/24, jul. 2008. p. 163-218

<sup>44</sup> *Ibid.*, p. 188.

mecanismo fecundo para o entendimento do seu processo criativo e do propósito de suas obras da juventude. Avaliando-as pela inter-relação com o legado romântico pelo qual lhes foram denominados, pode-se esclarecer em que consistiu o uso e a leitura dos elementos românticos, como a paisagem, na obra do escritor. Além disso, seria possível demonstrar como ele viria mudar o paradigma do romance brasileiro e, sobretudo, rever a sua atribuição romântica com relação à produção romanesca que lhe antecedeu.

Com o propósito de discutir e redimensionar as referências ao romantismo nos primeiros quatro romances de Machado de Assis, esta tese está organizada em dois capítulos. O primeiro aborda a complexidade do processo político brasileiro que teve início com a independência do Brasil da metrópole portuguesa, em 1822. Este processo social tanto coincide com a ascensão do romantismo brasileiro como, por meio dele, se assenta e afirma. Com efeito, procura-se, neste trabalho, evidenciar o vínculo entre as relações políticas e as relações culturais no Brasil oitocentista e suas consequências para a produção da cultura em busca da sua genuinidade. Busca-se, então, demonstrar como a aproximação dos intelectuais brasileiros com a cultura francesa colaborou para a elevação da cor local, sobretudo da paisagem brasileira, como símbolo dourado da pátria romantizada. Somados a essa perspectiva nativista, o moralismo e o sentimentalismo literário confluíram no postulado teórico do romantismo brasileiro como fonte de formação do porvir da sociedade brasileira. No contraponto desse projeto sociocultural da nação brasileira, a análise do artigo “Notícia da atual literatura brasileira” (1873) de Machado de Assis assevera o ideal crítico do autor. Ao interpretar os pontos elencados por Machado nesse texto, pretende-se evidenciar o seu distanciamento com relação à produção literária brasileira até a década de 1870 e sua lúcida consciência crítica de que, para se construir uma literatura nacional, era preciso haver liberdade estética e reflexão sobre a produção narrativa.

O segundo capítulo, consagrado ao estudo de Machado de Assis, pretende demonstrar como os primeiros romances evidenciam a reação do autor à estética romântica brasileira consagrada e perpetuada ao longo do século XIX. No enalço de uma maneira subversiva de narrativa, surgem dois percursos possíveis para a interpretação dos seus romances de juventude. O primeiro reúne e discute a concepção paratextual desses romances, mediante a leitura em contraste de seus prefácios com relação à prática prefacial romântica. O segundo percurso permite elaborar análises textuais dos quatro primeiros romances de Machado de Assis com a finalidade de constatar a presença da estética romântica oficial nas narrativas machadianas e seus significados com relação aos propósitos e esquemas narrativos do

romantismo brasileiro. Para esse fim, o foco das interpretações centra-se no que há de mais caro ao romantismo oficial, a presença da paisagem e as questões que sua utilização levanta. São abordados ainda os tipos de personagens, a estrutura narrativa e o desenvolvimento do enredo, com a finalidade de esclarecer o objetivo do escritor no início de sua carreira, sem descartar, contudo, neste processo, as reflexões de aspectos sociológicos ou estéticos.

## CONCLUSÃO

Na esfera social do século XIX, a permanência da exploração da paisagem pitoresca permitia ao incipiente Império afirmar-se e abrir espaço para uma modernização superficial do Brasil, ao passo que a exaltação das peculiaridades locais definia o caráter do Estado nacional visando pôr termo à ligação com a herança portuguesa. Portanto, a criação do movimento romântico, visto por meio de uma óptica sociocultural, do embate do homem moderno em busca do (re)estabelecimento da diretiva social, representava a chave do desenvolvimento da cultura local ao propiciar a criação mítica do país, calcado na exuberante natureza brasileira. O segmento narrativo proposto a partir desse entendimento seria – na ordem de desenvolvimento e progresso relativos, pois calcados no sistema escravocrata, que a corte brasileira almejava – a base sólida na qual a prosa de ficção romântica brasileira assentaria-se.

Nesse sentido, o universo crítico e narrativo de Machado de Assis pôs em causa e reviu criticamente a convenção da paisagem enquanto pura descrição e saudação da natureza nativa. Como argumenta John Gledson,<sup>664</sup> a obra inicial de Machado de Assis não é desprovida de elementos diretos ou indiretos da tradição estética romântica que se fazia presente no círculo literário brasileiro. A presença e o peso da narrativa tipicamente brasileira, na qual era fundamentada a cor local, para a asseveração da nacionalidade da produção literária, estreitava e comprimia o repertório da produção romanesca até meados do século XIX. Sensível a esse fator, Machado de Assis via-se cercado por um cenário literário de modelos limitados, situação que o levou à criação de narrativas que dialogavam com o legado literário que o precedia, ou mesmo que ainda lhe era contemporâneo. A evidência das referências às narrativas românticas, sentimental-nacionalistas, em um primeiro momento, poderia, assim, sugerir a adesão do jovem escritor ao procedimento artístico dessas narrativas. Porém, quando se analisam os seus romances mais detidamente, comprova-se que os elementos românticos que os compõem são resultado de uma revisão crítica da tradição brasileira. A partir de elementos de fácil reconhecimento da estrutura romântica, Machado, por meio da ironia e/ou da paródia, rearticula a noção e a simbologia românticas usadas em suas narrativas. Sem negar a tradição romântica, o escritor conseguia dar um novo sentido à

---

<sup>664</sup> Cf. GLEDSON, 2008.

expressão literária brasileira, certamente nacional, mas já criticamente distanciada da estética romântica.

O sentindo da “paisagem-só-natureza”<sup>665</sup> explorado durante o século XIX, ganharia, nesse projeto de revisão encetado por Machado, amplitude estética. Em outras palavras, Machado de Assis estaria interessado na literatura enquanto um instrumento universal capaz de redimensionar a realidade tanto criticamente quanto criativamente. Neste decalque da realidade apreendida pelo romancista, as imagens e as figurações do mundo sensível, representariam, narrativamente, a paisagem alcançada pelo olhar humano no quadro do dinamismo social cujo fim não seria a pintura da natureza nacional. Na vanguarda da literatura brasileira, Machado de Assis implementava em seus romances a paisagem como o *carrefour* para onde confluíam elementos de horizontes e de naturezas distintos, desenvolvendo uma interação entre suas personagens e a paisagem local. A natureza da sua paisagem surgiu como uma reorganização do significado e do sentindo do conceito paisagístico em decorrência do apuro e da revisão crítica da representação narrativa no mundo moderno. Filtrada pela sensibilidade e reflexão do escritor, essa paisagem reestruturada e minimalista seria capaz de representar a realidade sensível de maneira a ultrapassar o limitado espectro da cor local. Enquanto percepção literária, essa construção da imagem do mundo refletindo a própria condição social do homem, ou do olhar do sujeito que atribui sentido ao espaço ao seu redor, tem sua apreensão da elaborada estrutura narrativa.

Avesso ao sistema de exaltação do Estado-nacional, Machado de Assis lançou mão de um repertório imagético mais amplo e livre dos fatores predeterminados pela ordem social. Com isso, ele pode pôr em cena imagens oriundas do fluxo representativo do processo estético oficial, mas evidenciando em seus romances uma realidade fraturada, polimórfica e contrastante. A combinação estranha entre a pretendida modernização do país e a manutenção da sua estrutura social arcaica davam ao escritor um repertório vasto que, filtrado pelo olhar do homem de letras, resultavam na representação da paisagem local de maneira singular.

Do cotidiano urbano do Rio de Janeiro, Machado propunha-se refletir a vida na corte, e a vida do homem em um país carregado de conflitos sociais imanentes, o que levou o romancista a desenvolver e utilizar técnicas narrativas mistas, mas sem por isso perder de vista a atmosfera brasileira. A natureza, as casas, o fluxo urbano, os corpos e a realidade plástica nacional, no seu conjunto, serviam-lhe como figuração da captura da complexa

---

<sup>665</sup> SÜSSEKIND, 2000, passim.

paisagem local, estando a sua percepção do mundo aberta e receptiva ao grande fluxo de imagens da realidade sensível ao seu redor. Assim, a condição urbana do Rio de Janeiro favorecia a representação dos horizontes e relevos sociais brasileiros em detrimento da adoração do meio natural pitoresco.

No campo conceitual, Machado de Assis debruçava-se sobre a vida urbana de maneira a discutir o comportamento do indivíduo face às convenções sociais e ao rigor das “doutrinas modernas”. Almejava o romancista demonstrar, por meio da “fenda na máscara social”, referida por Bosi,<sup>666</sup> a discrepância entre os sentimentos e desejos humanos e os papéis sociais assumidos pelos indivíduos. Seus romances descrevem uma paisagem contrária ao puro idealismo proposto pela estética romântica oficial, pois expressa paisagens elaboradas como reflexo ou como negativo da postura desse indivíduo cindido. Isto implica dizer que, a própria caracterização dos protagonistas do romantismo oficial – figuras de caráter nobre, coeso, sentimental e por vez pueril – são relidas através da mediação do crivo crítico do escritor. Recorrendo a esses atributos românticos, Machado põe em xeque a inflexibilidade desse tipo de caráter na sociedade brasileira oitocentista. Neste sentido, o uso preciso de elementos da cor local, por meio da paródia do romantismo, é elaborado por meio da técnica microrrealista<sup>667</sup> de Machado com a finalidade de relativizar as verdades e a postura inteiriça de tais personagens, tornando-as mais complexas. Logo, o escritor reviu criticamente a condição e aplicabilidade da paisagem local, usada à exaustão pelo movimento romântico brasileiro no sentido de louvor da exuberante pátria brasileira que tonificava a exigência e anseios das elites locais inclinadas à consolidação de um Estado-nação.

O expediente do jardim ocupando o lugar da “paisagem-só-natureza”<sup>668</sup> – que Flora Sussekind soube reconhecer – do romantismo oficial é um recurso incisivo nos romances de Machado de Assis. Concentrando as imagens da natureza, reduzidas ao domínio humano do espaço urbano, ele consegue traçar um diálogo entre a representação pictórica dos elementos naturais e a expressão do drama moderno. O jardim do romance machadiano reproduz a contingência da vida brasileira nos oitocentos. Acompanhando a evolução da sociedade, ele permeia uma sutil, mas pungente representação dos desejos humanos. Ele assinala o valor social, quando desvela plasticamente a ascensão ou a posição do proprietário do jardim, ou ainda, espelha criticamente as vicissitudes do sujeito diante do espaço idealizado pela

---

<sup>666</sup> Cf. BOSI, 1999.

<sup>667</sup> Cf. GOMES, 1958.

<sup>668</sup> SÜSSEKIND, 2000, *passim*.

tradição. Neste caso, a paródia do romantismo oficial denota o limite da sua ingênua crença em valores e sentimentos estritamente coesos e incorruptíveis. No tocante à fórmula sentimental do romantismo, a técnica machadiana não deixa aflorar anuência ou piedade. Irônico, ele reestabelece tais referências em cenas e diálogos questionadores, o que faz logo em seus prefácios, nos quais a paisagem corrobora a elaboração e a descrição de traços similares aos do romantismo oficial para, em seguida, desestabilizá-los e/ou desacreditá-los.

Como observa Roger Bastide,<sup>669</sup> em Machado de Assis a paisagem natural, minimizada, reflete uma crítica aos excessos do movimento romântico ao trazer, para o primeiro plano narrativo, um colorido natural já subjogado pelo próprio traço de urbanização inscrito no comportamento da sociedade à época. Haveria um contrassenso na postura do indivíduo moderno, ora centrado em valores de manutenção e/ou ascensão social, ora na exaltação do estado subjetivo. Em ambos os casos, a mera exaltação da magnificência da natureza apenas contribuía para o tolhimento da capacidade crítica com relação à condição humana. Contrariamente ao postulado do romantismo oficial, o entendimento do enredo dos primeiros romances de Machado de Assis não submete um postulado moral ao público leitor. No seu intento de descrever o contraste de caracteres, ou, como afirma Silviano Santiago em “Jano, Janeiro”,<sup>670</sup> de desenvolver o romance de análise, Machado de Assis interessava-se pelo conflito interno de suas personagens. Com esse propósito, ele desenvolvia um processo narrativo calcado na criatividade e independência autoral como já previa em “Notícia da Atual Literatura Brasileira”.

Desta maneira, a permanência da denominação romântica com relação a esses romances apenas afirma a continuidade de uma teoria evolucionista datada, que pretende comprovar a progressão do escritor Machado de Assis como se a sua obra, partindo de um estágio inicial primitivo e inferior, atingisse, aos longos dos anos, a perfeição estética. Caso fosse possível, isso implicaria dizer que toda a literatura machadiana, compreendendo contos, crônicas, poemas, peças de teatro, textos críticos etc., anteriores a 1880, fariam parte dessa gleba romântica menor, a partir da qual Machadinho tornou-se Machado de Assis.<sup>671</sup> Nesta concepção, prioriza-se o auge do aprimoramento técnico sem levar em consideração a competência de um indivíduo em amadurecer a partir da reflexão e da experimentação da vida, e no caso de um escritor por meio do próprio fazer de sua obra, em um processo longo e

---

<sup>669</sup> Cf. BASTIDE, 1940.

<sup>670</sup> Cf. SANTIAGO, 2006.

<sup>671</sup> Cf. MEYER, 2006.

sinuoso. Reduzi-lo à mera classificação inferior, como no caso de Machado de Assis, aproximando-o pela leitura superficial ao famigerado legado de uma estética em declínio, somente inviabilizou, ao longo das décadas, a compreensão do amadurecimento criativo por meio da autoria/autoridade. Com efeito, seria ignorar a crítica à validade das doutrinas do tempo elaboradas por Machado de Assis, especialmente a partir da década de 1870, época na qual ele também se lançou na produção de narrativas longas mediante um falso romantismo.

## REFERÊNCIAS

A SEMANA. **A semana**. Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 03 jan. 1885, A semana, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/383422/5>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

ACADEMIA Brasileira de Letras. **Membros: Barão do Rio Branco**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/barao-do-rio-branco-jose-maria-da-silva-paranhos/biografia>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. **Membros: Basílio da Gama**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/basilio-da-gama/biografia>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. **Membros: Fernando Adolfo de Varnhagen**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/francisco-adolfo-de-varnhagen/biografia>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. **Membros: Tomás Antônio Gonzaga**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/tomas-antonio-gonzaga/biografia>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. **Membros: Valentim Magalhães**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/valentim-magalhaes/biografia>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. **Portal Joaquim Nabuco: biografia**. 2010. Disponível em: <[http://www.joaquimnabuco.org.br/abl\\_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=joaquimnabuco&sid=161](http://www.joaquimnabuco.org.br/abl_minisites/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?UserActiveTemplate=joaquimnabuco&sid=161)>. Acesso em: 03 fev. 2016.

ALENCAR, José de. **Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos**. Rio de Janeiro, Empreza Typographia Nacional do Diário. 1856. 168 p. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00175800#page/1/mode/1up>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. **Como e porque sou romancista**. Rio de Janeiro. Typographia de G. Leuzinger & Filhos. 1893. 56 p. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00176100#page/1/mode/1up>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. **Diva: perfil de mulher**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier Livreiro Editor, 1864. 164 p. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00176600#page/1/mode/1up>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. **Guarany: romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Empreza Nacional do Diário, 1857. 170 p. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00177500#page/1/mode/1up>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. **Lucíola**: um perfil de mulher. Rio de Janeiro: Typographia Franceza de Frederico Arfvedson, 1862. 194 p. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00179700#page/1/mode/1up>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. **Senhóra**: perfil de mulher. Rio de Janeiro: B. L. Garnier Livreiro-Editor do Instituto Histórico, 1875. v. 1., 228 p. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00181310#page/2/mode/1up>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. **Sonhos d'oiro**: romance brasileiro. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1872. 2 v. Disponível em: <<https://books.google.com/books?id=uLEpAAAAYAAJ&pg=PR4#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. Um poeta. **Correio mercantil**. Rio de Janeiro, ano XXV, n. 53, 22 fev. 1868, Literatura, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/28769>>. Acesso em: 28 maio 2015.

ALVES, Cilaine. **O belo e o desforme**: Álvares de Azevedo e a ironia romântica. São Paulo: Edusp, 1998.

AO LEITOR. **Nitheroy, revista brasiliense**: ciencias, letras e artes. Paris: Dauvin et Fontaine, Libraires, t. 1, n. 1, não paginado, 1836. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/pdf/700045/per700045\\_1836\\_00001.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/700045/per700045_1836_00001.pdf)>. Acesso em: 28 maio 2015.

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. **Obra crítica de Araripe Jr**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1960. v. 2.

ARTIGOS orgânicos do Conservatório Dramático Brasileiro. Typographia de J. E. S. Cabral: Rio de Janeiro, 1843, 3 p. Documento 1 do manuscrito I-08,25,002 do catálogo da Biblioteca Nacional. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_manuscritos/mss1452744/mss1452744.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1452744/mss1452744.pdf)>. Acesso em: 3 jan. 2018.

ASSIS, Machado de. **A mão e a luva**. [S.I.]: Machado de Assis.net: romances e contos em hipertexto, 2007b [1874], não paginado. Base de dados preparada por Marta de Senna. Disponível em: <[http://www.machadodeassis.net/hiperTx\\_romances/obras/amaoealuva.htm](http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/amaoealuva.htm)>. Acesso em: 15 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. **Helena**. [S.I.]: Machado de Assis.net: romances e contos em hipertexto, 2007c [1876], não paginado. Base de dados preparada por Marta de Senna. Disponível em: <[http://www.machadodeassis.net/hiperTx\\_romances/obras/helena.htm](http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/helena.htm)>. Acesso em: 15 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. **Iaiá Garcia**. [S.I.]: Machado de Assis.net: romances e contos em hipertexto, 2007d [1878], não paginado. Base de dados preparada por Marta de Senna. Disponível em: <[http://www.machadodeassis.net/hiperTx\\_romances/obras/iaia Garcia.htm](http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/iaia Garcia.htm)>. Acesso em: 15 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. Literatura realista. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, ano 1, n. 119, 30 abr. 1878, p. 1.  
Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=238562&pasta=ano%20187&pesq=>>.  
Acesso em: 18 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. **Machado de Assis: obra completa em quatro volumes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. v. 3. (Conto, poesia, teatro, miscelânea e correspondência).

\_\_\_\_\_. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. [S.I.]: Machado de Assis.net: romances e contos em hipertexto, 2007e [1880], não paginado. Base de dados preparada por Marta de Senna. Disponível em:

<[http://www.machadodeassis.net/hiperTx\\_romances/obras/brascubas.htm](http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/brascubas.htm)>. Acesso em: 15 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. Notícia da atual literatura brasileira. **O novo mundo**: periodico illustrado do progresso da idade. Nova Iorque, v. 3, n. 30, 24 mar. 1873, Literatura, p. 107-108. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/122815/509>>. Acesso em: 27 set. 2015.

\_\_\_\_\_. O primo Bazilio, romance do Sr. Eça de Queiroz. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, ano 1, n. 105, 16 abr. 1878, p. 1. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=238562&pasta=ano%20187&pesq=>>.  
Acesso em: 18 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. **Ressurreição**. [S.I.]: Machado de Assis.net: romances e contos em hipertexto, 2007a [1872], não paginado. Base de dados preparada por Marta de Senna. Disponível em:

<[http://www.machadodeassis.net/hiperTx\\_romances/obras/ressurreicao.htm](http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/ressurreicao.htm)>. Acesso em: 15 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. Semana literária. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, ano XLVI, n. 19, 23 jan. 1866, p. 2-3. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_02/20170](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/20170)>. Acesso em 14 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. Semana Literária. **Diário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, ano XLVL, n. 38, 13 fev. 1866, p. 2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_02/20235](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/20235)>. Acesso em: 14 fev. 2016.

ATHAYDE, Tristão de. Machado folhetinista. **Diário de notícias**, Rio de Janeiro, 9 out. 1960. Suplemento literário.

AUGUSTI, Valéria. **O romance como guia de conduta: a moreninha e os dois amores**. 1998. 237 f. Campinas, 1998. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, 1998.

AZEVEDO, Álvares de. **Lira dos vinte anos**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

AZEVEDO, Sílvia Maria. Machado de Assis e a crítica às avessas. **Bakhtiniana**: revista de estudos do discurso. São Paulo, LAEL-PUCSP, v. 10, n. 1, p. 44-56, Jan./Apr. 2015.

Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/20943>>. Acesso em: 27 set. 2015.

BAPTISTA, Abel Barros. **A formação do nome**: duas interrogações sobre Machado de Assis. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

BASTIDE, Roger. Machado de Assis, paisagista. **Revista do Brasil**, São Paulo, [s.n.], ano III, n. 29, 3ª fase, p. 1-14, nov. 1940. Disponível em: <<http://bibdig.biblioteca.unesp.br/handle/10/26340?show=full>>. Acesso em: 5 out. 2015.

BASTOS, Aureliano Tavares. Descentralização e federação. **A reforma**: órgão democrático. Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 1-2, 15 maio 1869. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/226440/13>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

BAUDOIN, Sébastien. **La poétique du paysage dans l'œuvre de Chateaubriand**. 2009. 818 f. Thèse (Doctorat en Littérature Française) – U.F.R. Lettres, Langues et Sciences Humaines, Université Clermont Ferrand II – Blaise Pascal, Aubière, 2009. Disponível em: <<https://halshs.archives-ouvertes.fr/tel-00658756/document>>. Acesso em: 03 jun. 2016.

BIBLIOTECA Nacional 200 anos: personagens. In: **Biblioteca Nacional**. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/projetos/200anos/januarioCunha.html>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

BOEHRER, Georges C. A. Jose Carlos Rodrigues and o Novo Mundo, 1870-1879. **Journal of inter-American studies**, Miami, CLAS at of University of Miami, v. 9, n. 1, p. 127-144, Jan./1967. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/165161>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 3 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1983.

\_\_\_\_\_. **Machado de Assis: o enigma do olhar**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

BOURDON, Léon. **Lettres familières et fragment du journal intime de Ferdinand Denis à Bahia: 1816-1819**. Coimbra: Coimbra Editora Limitada, 1957.

\_\_\_\_\_. Un français au Brésil à la veille de l'Indépendance: Louis-François de Tollenare (1816-1818). **Caravelle**, Toulouse, Cahiers du Monde Hispanique et Luso-Brésilien de l'Université de Toulouse, v. 1, n. 1, p. 29-49, 1963. Disponível em: <[http://www.persee.fr/doc/carav\\_0184-7694\\_1963\\_num\\_1\\_1\\_1067](http://www.persee.fr/doc/carav_0184-7694_1963_num_1_1_1067)>. Acesso em: 14 jun. 2016.

CABRAL, Alfredo do Valle. **Guia do viajante no Rio de Janeiro**: acompanhado da planta da cidade, de uma carta das estradas de ferro do Rio de Janeiro, Minas e São Paulo e de uma vista dos Dois Irmãos. Rio de Janeiro: Typographia da Gazeta de Notícias, 1882. 494 p. Disponível em: <<https://books.google.com/books?id=cGYvAQAAMAAJ&pg=PR1#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 31 maio 2017.

CAMPOS, Gabriela Vieira de. **O literário e o não-literário nos textos e imagens do periódico ilustrado o novo mundo (Nova Iorque, 1870-1879)**. 2001. 240 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos de Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, 2001.

CANDIDO, Antonio. **O romantismo no Brasil**. 2. ed. Humanitas: São Paulo, 2004.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1750-1836)**. 9. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1836-1880)**. 9. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000. v. 2.

CAVALCANTI, Nireu Oliveira; SCHLEE, Mônica Bahia; TAMMINGA, Kenneth. As transformações da paisagem na bacia do rio Carioca. **Revista USP: Paisagem e meio ambiente: ensaios**. São Paulo, Universidade de São Paulo, n. 24, p. 267-284, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/86346/89014>>. Acesso em: 31 maio 2017.

CAVALCANTI, Nireu. Laranjeiras, berço do Carioca. **www.bairrodaslaranjeiras.com.br**. Rio de Janeiro, Cultura e Turismo: História do Bairro. 2005. Disponível em: <<http://www.bairrodaslaranjeiras.com.br/principal/historia.shtml>>. Acesso em: 17 out 2015.

\_\_\_\_\_. **O Rio de Janeiro setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CHATEAUBRIAND, François-René de. Génie du christianisme. In: \_\_\_\_\_. **Œuvres complètes de M. le vicomte de Chateaubriand**. Paris: Chez Lefèvre, Libraire-Éditeur, 1836. t. III, p. 1-391. Disponível em: <<https://books.google.fr/books?id=kx0wAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 23 set. 2015.

CITAÇÕES e alusões na ficção de Machado de Assis: pesquisa. In: MACHADO DE ASSIS.NET. **Base de dados de citações e alusões nos romances e contos de Machado de Assis preparada por Marta de Senna**. 2007. Disponível em: <[http://www.machadodeassis.net/dtb\\_resposta\\_romances.asp?Selromance=10&Selconto=&Selcampo=16&Selcondicao=Tijuca&BtnEnvia.x=44&BtnEnvia.y=15&BtnEnvia=Pesquisar](http://www.machadodeassis.net/dtb_resposta_romances.asp?Selromance=10&Selconto=&Selcampo=16&Selcondicao=Tijuca&BtnEnvia.x=44&BtnEnvia.y=15&BtnEnvia=Pesquisar)>. Acesso em: 17 out. 2015.

COLLOT, Michel. Points de vue sur la perception des paysages. **Espace Géographique**. Paris, t. 15, n. 3, p. 211-217, 1986. Disponível em: <[http://www.persee.fr/doc/AsPDF/spgeo\\_0046-2497\\_1986\\_num\\_15\\_3\\_4144.pdf](http://www.persee.fr/doc/AsPDF/spgeo_0046-2497_1986_num_15_3_4144.pdf)>. Acesso em: 17 mar. 2018.

CORRESPONDÊNCIA ATIVA de Antônio Gonçalves Dias. **Anais da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Divisão de Publicações e Divulgação, 1964. v. 84, 418 p. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/anais/anais\\_084\\_1964.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_084_1964.pdf)>. Acesso em: 14 jun. 2016.

CORRESPONDÊNCIA PASSIVA de Antônio Gonçalves Dias. **Anais da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Divisão de Publicações e Divulgação, 1971. v. 91, 371 p. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/anais/anais\\_091\\_1971.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_091_1971.pdf)>. Acesso em: 14 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

COSTA, Tania Rebelo Serra. **Joaquim Manuel de Macedo, ou, os dois Macedos: a luneta mágica do II Reinado**. 2 ed. Brasília: Editora Unb, 2004.

CUNHA, Cilaine Alves. Atavismo neoclássico de Gonçalves Dias. **Língua e literatura**. São Paulo, FFLCH-USP, n. 27, 2003. p. 227-244. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/105464/104130>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. **Entusiasmo indianista e ironia byroniana**. 2000. 352 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, FFLCH-USP, São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. Tristezas de uma geração que termina. **Teresa**: revista de literatura brasileira, São Paulo, Editora 34; Imprensa Oficial, n. 6/7, 2006. p. 31-55.

DENIS, Ferdinand; TAUNAY, Hippolyte. **Le Brésil, ou histoire, mœurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume**: ouvrage orné de nombreuses gravures d'après les dessins faits dans le pays. Paris: Nepveu, 1822. 6 v. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5651043w>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

DENIS, Ferdinand. **Résumés de l'histoire littéraire du Portugal et du Brésil**. Paris: Lecointe et Durey, Libraires, 1832. p. 513-623. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1410551>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. **Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie**: suivies de Camoëns et José Indio. Paris: Chez Louis Janet, Libraire, 1824. 514 p. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k55514201>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

DIAS, Gonçalves. **Primeiros cantos**: poesias. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1846. 263 p. Disponível em: <[http://www.brasiliana.usp.br/bitstream/handle/1918/00634200/006342\\_COMPLETO.pdf](http://www.brasiliana.usp.br/bitstream/handle/1918/00634200/006342_COMPLETO.pdf)>. Acesso em: 02 maio 2016.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **A interiorização da metrópole e outros estudos**. 2. ed. São Paulo: Alameda, 2005.

\_\_\_\_\_. Aspectos da ilustração no Brasil. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, v. 278, p. 105-170 jan./mar. 1968. Disponível em: <<https://ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb/itemlist/filter.html?searchword438-from=1968&searchword438-to=1970&moduleId=219&Itemid=174>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

DIAS, Elaine; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **Nicolas-Antoine Taunay no Brasil**: uma leitura dos trópicos. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

ESTRADA, Joaquim Osório Duque. **Hino Nacional**. Presidência da República: Casa Civil: Subchefia para assuntos jurídicos. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/hino.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/hino.htm)>. Acesso em: 02 maio 2016.

ESTUDO sobre os lusíadas. **O novo mundo**: periodico illustrado do progresso da idade. Nova Iorque, v. 3, n. 26, 23 nov. 1872, p. 31-32. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/122815/433>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

FARIA, João Roberto. Machado de Assis, leitor crítico de teatro. **Estudos Avançados**. São Paulo, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, v. 18, n. 51, p. 299-333, maio/ago. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000200020#tx44](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000200020#tx44)>. Acesso em: 26 abr. 2016.

FARIA, Maria Alice de Oliveira. **Brasileiros no Instituto Histórico de Paris**. São Paulo: Imprensa Oficial, Governo do Estado de São Paulo, [1970]. 105 p. (Coleção Ensaio, Comissão Estadual de Literatura).

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. 3. ed. São Paulo: Editora Globo, 2001.

FAUSTO, Boris. O Brasil monárquico (1822-1889). In: \_\_\_\_\_. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp: Imprensa Oficial do Estado, 2001. p. 77-138.

FONTANEY, Antoine. **Journal intime**. Paris: Slatkine Reprints, 2012.

FRANÇA, Eduardo Melo. **Ruptura ou amadurecimento?: uma análise dos primeiros contos de Machado de Assis**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2008.

GASPARELLO, Arlette Medeiro. A pedagogia da nação nos livros didáticos de história do Brasil do Colégio Pedro II (1838-1920). **Revista Brasileira da História da Educação**. Uberlândia, Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), v. 13, n. 3(33), p. 1-10, 2013. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema6/0655.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

GAULD, Charles Anderson. José Carlos Rodrigues: o patriarca da imprensa carioca. **Revista de história**. São Paulo, FFLCH-USP, v. 7, n. 16, p. 427-438, 1953. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/35784>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Tradução Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GLEDSON, John. Machado de Assis e a crise dos quarentas anos. **Machado de Assis em linha**. São Paulo, Universidade de São Paulo/FFLCH, ano 4, n. 8, p. 9-28, dez. 2011. Disponível em: <<http://machadodeassis.net/download/numero08/num08artigo02.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. **Machado de Assis: impostura e realismo**. Tradução Fernando Py. São Paulo: Companhia Das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Por um novo Machado de Assis: ensaios**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. 1872: “A parasita azul” – Ficção, nacionalismo e paródia. **Cadernos de literatura brasileira**. São Paulo, Instituto Moreira Salles, n. 23/24, jul. 2008. p. 163-218.

GLEIZE, Jean-Marie. Manifestes, préfaces: sur quelques aspects du prescriptif. **Littérature: les manifestes**. Paris, Armand Colin, n. 39, p. 12-16, 1980. Disponível em: <[http://www.jstor.org/stable/23801888?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/23801888?seq=1#page_scan_tab_contents)>. Acesso em: 2 maio 2017.

GOMES, Eugênio. O microrealismo de Machado de Assis. In: \_\_\_\_\_. **Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958. p. 52-62.

GONÇALVES, Dias. **Cantos**: coleção de poesias. 2. ed. Leipzig: F. A. Brozkhau, 1857. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00647200#page/2/mode/2up>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil**: e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823. Tradução Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. 403 p. Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br/obras/diario-de-uma-viagem-ao-brasil-e-de-uma-estada-nesse-pais-durante-parte-dos-anos-de-1821-1822-e-1823>>. Acesso em: 31 maio 2017.

GRAINGER, James. **The sugar-cane**: a poem: in four books: with notes. London: R. and J. Dodsley, 1764. 167 p. Disponível em: <<https://books.google.fr/books?id=BcwXhVXawgQC&pg=PP13&focus=viewport&dq=sugar-cane+james+grainger+abstract&hl=pt-BR&output=text>>. Acesso em: 03 jun. 2016.

GRANJA, Lúcia. **Machado de Assis, escritor em formação**: à roda dos jornais. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2000.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Machado de Assis, o escritor que nos lê**: as figuras machadianas através da crítica e das polêmicas. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

\_\_\_\_\_. **Os leitores de Machado de Assis**: o romance machadiano e o público de literatura no século 19. São Paulo: Nankin Editorial: Edusp, 2004.

\_\_\_\_\_. Romero, Araripe, Veríssimo e a recepção crítica do romance machadiano. **Estudos Avançados**. São Paulo, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, v. 18, n. 51, p. 269-298, maio/ago. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000200019#tx17](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000200019#tx17)>. Acesso em: 14 mar. 2018.

GUIMARÃES, Manoel Luís Lima Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. **Revista de estudos históricos**. Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, v. 1, n. 1, p. 5-27, 1988. Artigo. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1935>>. Acesso em: 19 maio 2015.

HAZARD, Paul. As origens do romantismo no Brasil. **Revista da Academia Brasileira de Letras**, Rio de Janeiro, Anuario do Brasil, ano XVIII, n. 69, p. 24-45, set. 1927.

HELIODORA, Barbara. Medida por medida. In: \_\_\_\_\_. **Falando de Shakespeare**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 207-220.

HOUAISS Eletrônico. Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa. Versão monousuário 3.0. São Paulo: Editora Objetiva, 2009. CD-ROM.

HOVENKAMP, Jan Willem. **Mérimée et la couleur locale**. Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres, 1928.

HUGO, Victor. **Cromwell**. Paris: Alexandre Houssiaux Libraire-Éditeur, 1856. v.1, p. 5 (Œuvres Complètes de Victor Hugo). Disponível em: <<https://books.google.com/books?id=Oc5AAAACAAJ&hl=pt-BR&pg=PP9#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 11 maio 2017.

LABORIE, Jean-Claude. Estudos de mediações: o caso Ferdinand Denis. Tradução Guilherme Simões Gomes Júnior. **Ponto-e-vírgula**: revista de ciências sociais. São Paulo, PUCSP, n. 13, p. 66-77, 1 sem. de 2013. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/19540>>. Acesso em: 15 maio 2016.

LEAL, Antonio Henriques. **Pantheon maranhense**: ensaios biographicos dos maranhenses illustres já falecidos. Lisboa: Imprensa Nacional, 1874. v. 3, 580 p. Disponível em: <<https://play.google.com/books/reader?id=pf4zAQAAIAAJ&printsec=frontcover&output=reader&hl=fr&pg=GBS.PP6>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

LITERATURA nacional. **O novo mundo**: periodico illustrado do progresso da idade. Nova Iorque, v. 2, n. 16, 24 jun. 1872, p. 154. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/122815/334>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

LOBO, Luiza. **Épica e modernidade em Sousândrade**. 2. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **A moreninha**. Rio de Janeiro: Typographia Franceza, 1844. 252 p. Disponível em: <[http://www.brasiliana.usp.br/search?filtertype=dc.title\\_t&filter=moreninha&submit\\_search-filter-controls\\_add=Buscar](http://www.brasiliana.usp.br/search?filtertype=dc.title_t&filter=moreninha&submit_search-filter-controls_add=Buscar)> Acesso em: 9 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. **O moço loiro**. Rio de Janeiro: Typographia de Carlos Haring, 1845. v. 1, 265 p. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/01066710#page/1/mode/1up>>. Acesso em: 9 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. **Os dois amores**: romance brasileiro. 4. ed. Rio de Janeiro, 1887. v. 1. 246 p. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/01065010#page/1/mode/1up>>. Acesso em: 9 jun. 2015.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. **A Confederação dos Tamoyos**: poema. Rio de Janeiro: Empreza Typographica Dous de Dezembro, 1856. 340 p; 19 p. (notas). Disponível em <[https://books.google.fr/books?id=6p0NAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.fr/books?id=6p0NAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 24 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. Ensaio sobre a história da literatura do Brasil. **Nitheroy, revista brasiliense**: ciencias, letras e artes. Paris: Dauvin et Fontaine, Libraires, t. 1, n. 1, p. 132-159, 1836b. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/pdf/700045/per700045\\_1836\\_00001.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/700045/per700045_1836_00001.pdf)>. Acesso em: 28 maio 2015.

\_\_\_\_\_. **Suspiros poéticos, e saudades**. Rio de Janeiro: Em Casa do Senhor João Pedro da Veiga. 1836a. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/01088800#page/1/mode/1up>>. Acesso em: 28 maio 2015.

MAGALHÃES, Fernanda. O bairro de Santa Teresa no Rio de Janeiro. In.: LOBO, Manuel Leal da Costa; SIMÕES JÚNIOR, José Geraldo (org.). **Urbanismo de colina**: uma tradição luso-brasileira. São Paulo: Editora Mackenzie, 2012. p. 175-200, cap. 4.

MAGALHÃES, Valentim. **A semana**. Rio de Janeiro, ano I, n. 2, 10 jan. 1885, Crítica científica, p. 2-3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=383422>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

MALERBA, Jurandir. **O Brasil imperial (1808-1889)**: panorama da história do Brasil no século XIX. Maringá: Eduem, 1999.

MASSA, Jean-Michel. **A juventude de Machado de Assis, 1839-1870**: ensaio e biografia intelectual. Tradução Marco Aurélio de Moura Matos. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

MATOS, Edilene (Org.). **A presença de Castello**. São Paulo: Humanistas; Instituto de Estudos Brasileiros, 2003.

MELLO, Antonio Francisco Dutra e. A moreninha, por Joaquim Manoel de Macedo. **Minerva brasiliense**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 24, 15 out. 1844, Literatura, p. 746-751. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/703095/825>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

MEYER, Augusto. De Machadinho a Brás Cubas. **Teresa**: revista de literatura brasileira, São Paulo, Editora 34; Imprensa Oficial, n. 6/7, 2006. p. 409-417.

MOREAU, Pierre. Denis et les romantiques: d'après des documents inédits. **Revue d'histoire littéraire de la France**. Paris, Librairie Armain Colin, Année 33, n. 4, p. 530-564, 1926. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k57673046/f12.item.zoom>>. Acesso em: 2 maio 2016.

MURGER, Henri. Une victime du bonheur. In.: \_\_\_\_\_. **Scènes de la vie de jeunesse**. Paris: Michel Lévy Frères Livraires-Éditeurs. 1851. p. 291-326. Disponível em: <<https://books.google.ca/books?id=aptTAAAAcAAJ&hl=pt-BR&pg=PP7#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

NABUCO, Joaquim. **Camões e os lusíadas**. Rio de Janeiro: Tipografia do Imperial Instituto Artístico, 1872. 286 p. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/01204900#page/18/mode/1up>>. Acesso em: 4 fev. 2016.

NAUGRETTE, Florence. Publier Cromwell et sa préface: une provocation fondatrice. **Groupe Hugo**: Université Paris Diderot – Paris 7, p. 1-20, 2002. Disponível em: <<http://groupugo.div.jussieu.fr/groupugo/DOC/02-03-08Naugrette.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2017.

NÚCLEO INTERINSTITUCIONAL DE LINGÜÍSTICA COMPUTACIONAL – NILC. **Panorama da literatura brasileira**. Autores: arcadismo ou setecentismo: Santa Rita Durão. 1993. Disponível em: <<http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/literatura/santaritadur.o.htm>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

PASSOS, José Luiz. **Machado de Assis: o romance com pessoas**. São Paulo: Edusp; Nankin, 2007.

PENJON, Jacqueline. Construção de uma paisagem brasileira na “missão francesa”. In.: NITRINI, Sandra (Org.). **Tessituras, Interações, Convergências**. São Paulo: Abralic: Hucitec Editora, 2011. p. 257-283.

PEREIRA, Cilene Margarete. Os prefácios dos romances iniciais e o método de composição de Machado de Assis. **Crítica Cultural**. Palhoça, v. 8, n. 13, p. 85-98, 2013. Disponível em: <[http://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica\\_Cultural/article/view/1564/1186](http://portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/1564/1186)>. Acesso em: 11 fev. 2018.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis: estudo crítico e biográfico**. 6. ed. Editora Itatiaia; Edusp: Belo Horizonte; São Paulo, 1998.

PINTO, Maria Cecília Queiroz de Moraes. Modelos franceses no romantismo brasileiro. In: MATOS, Edilene (Org.). **A presença de Castello**. São Paulo: Humanistas; Instituto de Estudos Brasileiros, 2003. p. 605-618.

PONCIONI, Claudia. A estátua amazônica: “uma comédia arqueológica”, de Araújo Porto-Alegre. **Brasil/Brazil: Revista de Literatura Brasileira / A journal of Brazilian Literature**, ano 28, n. 51, p. 66-84, 2015. Porto Alegre: Mercado Aberto. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/brasilbrazil/article/view/61017>>. Acesso em: 30 maio 2016.

PORTO-ALEGRE, Manuel de Araújo. **A estátua amasônica: comédia archeológica**. Rio de Janeiro: Typographia de Francisco de Paula Brito, 1851. 88 p. Disponível em <[http://www.brasiliana.usp.br/bitstream/handle/1918/01514900/015149\\_COMPLETO.pdf](http://www.brasiliana.usp.br/bitstream/handle/1918/01514900/015149_COMPLETO.pdf)>. Acesso em: 30 maio 2016.

PUJOL, Alfredo. **Machado de Assis: curso literário em sete conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo**. 2. ed. Imprensa Oficial; Academia Brasileira de Letras: São Paulo; Rio de Janeiro, 2007.

RAEDERS, Georges. **Le comte de Gobineau au Brésil: avec nombreux documents inédits**. Paris: Nouvelles Éditions Latines, 1934.

REIS, José Carlos. Capistrano de Abreu (1907): o surgimento de um povo novo: o povo brasileiro. **Revista de história**. São Paulo, FFLCH-USP, n. 138, p. 63-82, 1998. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18843/20906>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

RESENDE, Beatriz. Em caso de desespero, não trabalhem. A política nas crônicas de Machado de Assis. In: SETOR DE FILOSOFIA DA FCRB. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 419-435.

RICOTTA, Lucia. A constelação espacial das cenas de origem em scènes de la nature, de Ferdinand Denis. **Revista USP**. São Paulo, Universidade de São Paulo, n. 91, p. 112-124, 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/34856>>. Acesso em: 2 maio 2016.

RODRIGUES, José Carlos. **O novo mundo: periodico illustrado do progresso da idade**. Nova Iorque, v. 1, n. 1, 24 out. 1870, O novo mundo, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/122815/2>>. Acesso em: 03 fev. 2016.

ROMERO, Sílvio. **Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

ROSENFELD, Anatol. Aspectos do romantismo alemão. In: \_\_\_\_\_. **Texto/contexto: ensaios**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969. p. 147-171.

ROUANET, Maria Helena. **Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional**. São Paulo: Edições Siciliano, 1991.

ROUANET, Sérgio Paulo (Org.). **Correspondência de Machado de Assis: tomo II, 1870-1889**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. Ferdinand Denis: Scènes de la nature sous les tropiques de leur influence sur la poésie, suivies de camoëns et de José Indio. **Premiers lundis**. t. 1, não paginado, 1824. Disponível em: <[http://obvil.paris-sorbonne.fr/corpus/critique/sainte-beuve\\_premiers-lundis-01/body-3](http://obvil.paris-sorbonne.fr/corpus/critique/sainte-beuve_premiers-lundis-01/body-3)>. Acesso em: 02 maio 2016.

SANTIAGO, Silviano. Jano, janeiro. **Teresa: revista de literatura brasileira**, São Paulo, Editora 34; Imprensa Oficial, n. 6/7, 2006. p. 429-452.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **O sol do Brasil: Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d. João**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. 4. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1992.

\_\_\_\_\_. Duas notas sobre Machado de Assis. In: **Que horas são?: ensaios**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2002. p. 165-178.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUSA, José Galante de. **Bibliografia de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

SOUZA, Ronaldo de Melo e. **O romance tragicômico de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. O sobrinho pelo tio. **Revista literatura e sociedade: departamento de teoria literária e literatura comparada da USP**. São Paulo, FFLCH-USP, n. 1, p. 30-43, 1996. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/176>>. Acesso em: 15 maio 2016.

TAUNAY, Afonso de Escagnolle. **A missão artística de 1816**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956.

THOMASSEAU, Jean-Marie. **O melodrama**. Tradução Claudia Braga e Jacqueline Penjon. Editora Perspectiva, 2005.

TORRES HOMEM, Francisco de Sales. Suspiros poéticos e saudades, per D. J. G. de Magalhães. **Nitheroy, revista brasiliense: ciencias, letras e artes**. Paris: Dauvin et Fontaine, Libraires, t. 1, n. 2, p. 246-256, 1836. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/pdf/700045/per700045\\_1836\\_00002.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/700045/per700045_1836_00002.pdf)>. Acesso em: 28 maio 2015.

VASCONCELOS, Bernardo Pereira de. **Bernardo Pereira de Vasconcelos**. Organização de José Murilo de Carvalho. São Paulo: Editora 34, 1999. (Coleção Formadores do Brasil).

VERÍSSIMO, José. Bibliographia. **Revista Brasileira: jornal de ciencias, letras e artes**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, t. XVI, p. 249-255, Out./Dez. 1898. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=139955>>. Acesso em: 25 maio 2012.

\_\_\_\_\_. **História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)**. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969.

VOLOBUEF, Karen. **Frestas e arestas: a prosa de ficção do romantismo na Alemanha e no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WEHING, Arno (Coord.). **Origens do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: ideias filosóficas e sociais e estruturas de poder no Segundo Reinado**. Rio de Janeiro: Erca Editora e Gráfica Ltda, 1989.

WISNIK, José Miguel. Machado maxixe: o caso Pestana. **Teresa: revista de literatura brasileira**, São Paulo, n. 4/5, p. 13-79, 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116360>>. Acesso em: 28 dez. 2017.